

“Ernani Fiori: um intelectual apaixonado”

**Entrevista com Paulo Freire
TOMAZ TADEU DA SILVA**

Quando ficou decidido que *Educação e Realidade* iria publicar o artigo de Ernani Fiori, “Conscientização e Educação”, numa espécie de homenagem a este importante intelectual gaúcho, logo pensei em pedir a Paulo Freire que escrevesse algo sobre seu amigo e prefaciador do “*Pedagogia do Oprimido*”. Por sorte, tive a oportunidade de pedir-lhe isto pessoalmente quando Paulo apareceu, inesperadamente, no I Seminário Nacional de Currículo, promovido pela PUC-SP, em São Paulo, na primeira semana de dezembro de 1985, e do qual eu estava participando. Disse-lhe que, sabendo de sua agenda ocupadíssima, não lhe pedia mais que uma página de depoimento sobre Fiori. E Paulo, já comovido pela lembrança do amigo ausente, me disse: “Não, vamos fazer uma coisa melhor, tu me entrevistas sobre ele, fica mais informal. Me telefona de Porto Alegre, marcando uma entrevista para janeiro.” Foi o que fiz, acertando entrevistá-lo no dia 24 de janeiro. A entrevista foi realizada em sua casa, no Sumaré, sendo interrompida aqui e ali para uma outra agradável conversa paralela sobre assuntos da educação brasileira.

Tomaz Tadeu da Silva

Tomaz – *Eu começaria pedindo ao Paulo que recordasse um pouquinho o início do seu relacionamento com Ernani Fiori, como foram os seus primeiros contatos, em que contexto se deram estes primeiros contatos, este primeiro relacionamento?*

Paulo – Olha, eu conheci Ernani... Fiori, como eu chamava, nos anos 50, quando éramos ambos muito jovens. Eu me lembro que vim... nesta época eu trabalhava no SESI de Pernambuco, e vim ao Rio Grande do Sul em visita e conversando com Mário Reis, um gaúcho que era na época diretor geral do

SESI no estado do Rio Grande do Sul, ele então numa conversa de almoço comigo, me disse que havia um professor da faculdade de Direito, eu acho que Ernani trabalhou, deu aula também na Faculdade de Direito. Sim, ele era formado em Direito. Lecionava Filosofia do Direito. Ele disse que havia este professor chamado Ernani Maria Fiori, que era amigo dele, e a quem o Mário gostaria de me apresentar, e aí marcou-se uma visita a Ernani. E eu fui no dia seguinte na casa de Ernani, conheci Hilda, conheci assim de raspão alguns dos gurus, como ele costumava

chamar os filhos, e conversamos um pouco. Se você me pergunta agora os temas básicos do que conversamos naquele dia, naquela manhã dos anos 50, eu não saberia dizer. A memória já se foi. Mas conversamos sobre problemas gerais, sem dúvida nenhuma, do Nordeste, do Sul do país, problemas de educação, e quando eu deixei a casa de Ernani, eu trouxe comigo algumas convicções. A primeira é de que eu havia conhecido um homem extraordinário. Um homem, dizia eu a mim mesmo naquela manhã, que dificilmente se contradiz sem ter a coerência de reconhecer-se contradizendo-se. Quer dizer, eu sentia que estava diante de um homem... (era assim uma espécie de quem adivinhava), eu estava diante de um homem coerente. Que não era um homem que se torturasse por ser coerente, mas que se entregava facilmente à prática da coerência.

A outra convicção que eu trazia era de que eu iniciara uma nova amizade. Quer dizer, eu encontrara nas ruas do mundo uma outra pessoa com quem eu podia conviver ao longo do tempo. E foi então, com estas duas certezas, que eu voltei para Recife, sem nunca mais esquecer aquela figura, o perfil de Ernani. O Ernani tinha inclusive fisicamente um perfil muito delimitado, muito marcante... a voz, eu carregava na memória, o próprio som da voz do Ernani, às vezes metálica, sem porém ferir. Até nisto ele tinha sorte, porque isto não era uma questão propriamente de trabalho dele, se bem que ele pudesse trabalhar. Em certo momento o que pudesse haver de metálico na voz de Ernani se associava a uma certa altura ou não da entonação que sublinhava o que ele queria dizer. Então eu levava isto, levei isto comigo para Recife. Agora, interessante é que, como bons brasileiros, eu talvez mais ainda do que ele, não nos correspondemos, quer dizer, eu fiquei mais na oralidade mesma da minha cultura, da preponderância da oralidade da minha cultura, porque no Nordeste é maior que a de vocês. Eu fiquei no Recife recordando Ernani, recordando o seu pensamento forte, sua análise incisiva, mas sua bondade também, sua capacidade enorme de amar, de doar-se, recordando tudo isto, sem porém escrever, à espera de um novo encontro. Então num novo encontro, pensava eu, eu continuo com Ernani, e até que é possível que num novo encontro a gente comece dizendo: "Como eu ia te dizendo". Quer dizer, foi aí que eu encontrei Ernani, foi assim que eu encontrei Ernani, e foi assim que Ernani ficou. Às vezes a gente encontra pessoas na vida que são muito mais desencontros, são pessoas que sublinham a impossibilidade de ficar. Com Ernani, não. O meu encontro com Ernani estabeleceu uma real possibilidade de encontro, um estar sempre com, que nos acompanhou na experiência de exílio, por exemplo, anos depois.

Tomaz – *Eu gostaria, na seqüência dessa pergunta que tu recordasses um pouquinho o teu relacionamento com ele nessa época crítica aí dos anos 60, em que havia toda essa efervescência em torno dos movimentos de cultura popular. E como Fiori se inseriu nisto*

aí? Eu tenho notícias de que havia uma tentativa de fundar ali na iminência do golpe um Instituto de Cultura Popular em Porto Alegre. Tu tens alguma notícia disto?

Paulo – Exato, tenho notícias disto. Eu participei da alegria antecipada e frustrada de Fiori. Fiori foi o presidente desse Instituto. Então, talvez agora com relação a este Instituto, eu tivesse tido o segundo encontro, ou por causa deste Instituto, por causa de toda aquela ansiedade que nós vivemos, que a minha geração, a geração mais nova do que a minha, vivemos nos anos 60 em torno do problema da educação popular, da cultura popular. Por causa disto tudo eu me lembro que estive no Rio Grande do Sul com o Ministro de Educação, que era já o Júlio Sambuqui, com a renúncia do Paulo de Tarso. É interessante, inclusive, que nossa visita ao Rio Grande do Sul, quando eu me reencontrei com o Fiori, se deu um dia antes ou um dia depois, da série de manifestações em São Paulo, a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Eu me lembro, então, que nós saímos de Brasília para tomar o avião para Porto Alegre, e aqui em São Paulo, nós teríamos que pernoitar para tomar o avião no dia seguinte. E ficamos o Ministro e eu e a Elza, que estava comigo, e mais umas duas pessoas, o secretário do Ministro, e ficamos uma noite inteira à procura de uma vaga nos hotéis, os hotéis estavam todos cheios.

A reação estava assanhada realmente, a reação burguesa, assanhadíssima. Era final de 63. Finalmente às 2 horas da manhã conseguimos uma possibilidade de dormir um pouco, e no dia seguinte partimos para Porto Alegre. E lá nos encontramos de novo, Ernani e eu, e Ernani aí agora, absolutamente integrado. Quer dizer, era uma coisa linda, isto porque, e você vê como essas coisas não podem se dicotomizar, não podem uma negar a outra, ao mesmo tempo, neste segundo encontro com Ernani, o que eu via nela era aquele *scholar* puro, aquele especialista, como pouca gente neste país, em Hegel, aquela convivência com Hegel. Aquela convivência crítica e não domesticada a Hegel, aquela curiosidade acadêmica que para ele era absolutamente indispensável. Não era possível no meu entender compreender Ernani vivo negando a sua curiosidade acadêmica e a sua seriedade acadêmica, a sua busca acadêmica, mas ao mesmo tempo que estava ali diante de mim, o *scholar* Ernani Maria Fiori, estava também o mesmo *scholar* comprometido com os interesses populares. Era o mesmo homem, sem aceitar que a sua preocupação com as aproximações rigorosas ao objeto pudessem matar nele a necessidade de compreender a sensibilidade com que as massas populares se aproximam também dos objetos. Nele o que a gente percebia, quando ele me falava como presidente do Instituto de Cultura Popular, nele o que a gente percebia era o *scholar* querendo molhar-se da sensibilidade popular. Era o *scholar* querendo levar à sensibilidade popular a rigorosidade de seus métodos de aproximação ao objeto. Era o *scholar* pretendendo viver a unidade práti-

ca-teoria.

Se tu me perguntas: será que Ernani chegou a viver integralmente? Não importa, eu acho que se não tem havido o golpe, eu acho que através da experiência que o Instituto de Cultura Popular iria necessariamente exigir dele, eu acho que o Ernani, presidente do Instituto de Cultura Popular, teria trazido ao Ernani *scholar* um acréscimo indiscutível. Eu me lembro então que jantamos juntos. Ernani, o ministro Júlio Sambaqui, o secretário do Ministro, duas ou três pessoas, mais eu, a Elza, comemos um *galeto al primo canto*. E ele, isto era bem comum a ele, às vezes Ernani como que pedia desculpas por coisas que fazia, e ele rindo pouco assim junto de mim, disse: “é um pouco estranho que eu esteja a uma hora dessas comendo galeto, tomando vinho”. Aí era o *scholar* bem comportado que falava, que possivelmente estivesse censurando o *scholar* que começava a se aproximar das noites, a se inundar das noites num bar, das noites num restaurante mais ou menos popular, em lugar de estar com o seu Hegel na mão, varando as madrugadas. Era como se ele estivesse pedindo desculpas a Hegel também. Ele me dizia: “não é muito comum que me encontre em situações como esta”. Eu hoje diria a Ernani: eu tenho a impressão de que a gente terminaria por compreender melhor o Hegel, mesmo Marx, se a gente se molhasse das águas noturnas das cidades, inclusive das áreas populares. Mas eu não tenho dúvida nenhuma de que este casamento com a sensibilidade, esta capacidade fantástica que a massa popular tem de adivinhar, (e adivinhação aí não é outra coisa senão o exercício da intuição das massas populares) de que este exercício da intuição que as massas comandam muito bem, e de que os *scholars* se vão afastando com medo, com medo de perder a rigorosidade, eu não tenho dúvida nenhuma de que a prática da intuição é algo que nós os intelectuais, chamados assim, deveríamos, a que nos deveríamos entregar.

Para mim, isso eu deveria dizer assim num parêntese, lembrando Fiori, para mim o fundamental de um intelectual sério é jamais ficar ao nível dos achados da sua intuição, mas pelo contrário submeter sua intuição e os achados dela, submetê-los a uma análise criteriosa e rigorosa, mas nunca prescindir da intuição. É nesse sentido que eu digo, e tive a propósito disto uma discussão há dois anos atrás muito interessante com um grupo de *scholars* alemães, pra mim conhecer não é adivinhar, mas passa pela adivinhação. Quer dizer, a intuição tem um baita papel. Aí do cientista que não fica às vezes sentado silenciosamente, ou no seu laboratório ou na sua biblioteca, ou num banco de rua, de praça, aí do cientista que não fica às vezes sentado sozinho, se alguém lhe fala ele nem ouve, entregando-se às asas da sua intuição, da capacidade de voar. E de vez em quando apanha o vôo da intuição, que vem também molhado de paixão. Já imaginou a criatividade sem paixão? Não existe. Pra mim Ernani era isto,

mesmo que às vezes não soubesse que estava sendo. Ernani era um *scholar* apaixonado, e que falava dos objetos de sua curiosidade apaixonadamente. No momento, eu convidava toda a geração inteligente do Rio Grande do Sul, não apenas de Porto Alegre, mas de gente que passou por Ernani e por isto ficou com ele... Isto é outro traço da personalidade de Ernani. Era impossível passar por Ernani sem ficar ou negá-lo. Não dava. Diante dele era preciso uma afirmação de opção. Eu convidava quem passou por ele, mesmo que não tivesse querido ficar com ele, eu convidava a que reflitam sobre as experiências intelectuais que tiveram com Ernani, para lembrar-se de que o que eu digo aqui é uma verdade.

O meu discurso aqui não é apenas o discurso de um amigo saudoso, mas sério, e que portanto, para quem os mortos não devem ser apenas soprados. O desafio é este, é que descubram ou não, digam se eu estou ou não estou falando certo, quando digo que o Ernani tratava os seus temas apaixonadamente. Quer dizer, Ernani era um homem capaz de amar Hilda com amor, intensamente, de amar os filhos, de amar os que não conhecia, Ernani era um homem da disponibilidade, do amor e da paixão. Eu vou te dizer uma coisa que eu disse em público em Porto Alegre, com ele vivo, felizmente, defronte de mim, até que eu tive medo que a emoção pudesse fazer mal a ele mas eu disse de público um dia numa reunião enorme que eu tive na Assembléia, estava lotada. Eu fiz uma homenagem a Ernani, parece até que eu adivinhava que a gente se despediria, em que eu dizia que de modo geral eu não sou muito chegado a mestres nem a discípulos, quer dizer, eu não tenho muita vocação de ser discípulo nem de ser mestre de ninguém. Mas eu dizia: se, porém, eu posso me referir a um mestre que me tem marcado é Ernani Fiori. E tu podias me dizer: mas Paulo, então isto significa que tu te sentes um discípulo de Ernani em todas as esferas. Não, eu até acho que Ernani, por isso que eu acho que foi um mestre meu, e é, Ernani tinha uma contribuição bem maior do que a minha a dar. Isto não significa que nem Ernani concordasse comigo em tudo, nem que eu concordasse com Ernani em tudo, não importa, o que importa aí é a figura exemplar, é a figura testemunhal de Ernani Fiori, e eu acho, Tomaz, que ao dizer isto, a ti e aos que vão ler essa entrevista, na tua revista, eu acho que isto é o que um sem número de gente nesse país, sobre tudo no sul desse país, sente também diante dele.

Nesse sentido eu não me esqueço das tardes, quase sempre nos sábados, que tínhamos juntos, no nosso exílio em Santiago. Quase todo o sábado, ou Ernani chegava com Hilda à nossa casa, ou Elza e eu íamos juntos à casa deles. E de modo geral, estas visitas das tardes, aproximando-se no fim, se prolongavam ao começo das noites, mediadas essas visitas, ora por uma sopa, lá em nossa casa, ora por uma comida extraordinária italiana, que a Hilda faz como ninguém, que tem um negócio meio verde, como se chama isto? Eu me

lembro que essas visitas, carregadas de conversas, oscilavam, elas tinham momentos distintos dentro delas próprias. Havia um momento assim mais universal da conversa informal, em que a gente discutia o fim, e que ia se aproximando, em que a gente discutia a beleza permanente da cordilheira, em que a gente comentava o gosto das frutas do Rio Grande do Sul, as frutas do Chile, a saudade maior de Ernani e de Hilda com relação às suas uvas, eu não tinha porque ter essa saudade. Essa era assim uma espécie de introdução da conversa, num momento ameno dessa conversa, mas invariavelmente em certo momento desse papo, o papo ia virando despretensiosamente um seminário. E aí Ernani funcionou muitas vezes realmente de mestre meu. Mas de mestre no sentido rigoroso dessa palavra, de professor meu também. E comentava então um livro recém lido por exemplo, comentava um trecho de Maquiavel, por exemplo. Por isso é que eu faço uma dedicatória a ele num livro meu. E a este outro filósofo que é o Alvaro Vieira Pinto, de quem às vezes se discorda também e sobre quem se fazem às vezes críticas que eu acho um pouco exageradas, e ao outro filósofo também, o menos profissional dos três filósofos, que é outro homem formidável, o Alvaro de Farias. Quando eu publiquei "A importância do ato de ler", eu dediquei esse livrinho aos três, fazendo referência ao que eu aprendi com eles no exílio.

Tomaz – *Bem, Paulo, nós estamos passando por um momento no Brasil em que existe uma tentativa de recordar alguns momentos da história de alguns movimentos dos anos 60, sobretudo os relacionados com cultura popular e educação popular e se pensa muito no Recife, se pensa muito no MEB, se pensa no CPC. Então, eu fiquei surpreso de saber que existia esse Instituto de Cultura Popular, que o Ernani Fiori foi seu presidente. Então, eu gostaria que tu falasses mais um pouco sobre isto, relembrando o teu relacionamento com este Instituto. Chegaste a ter oportunidade de participar de alguma atividade do Instituto?*

Paulo – Foi ótimo tu me trazeres de volta ao tema do Instituto, que no fundo era o tema que tinha que ver com o meu segundo encontro com Ernani. E como a minha saudade de Ernani é tão grande, em lugar de eu me fixar no tema Instituto eu me entregui ao encontro com Ernani e aí derivou uma porção de coisas. No fundo com isto a gente está fazendo uma contribuição à história desse momento do país. Mas eu não tenho comigo o documento que Ernani encaminhou a nós no Ministério de Educação, nem tenho memória dele também. Mas o fato é que nós tínhamos uma informação oficial segura da existência do Instituto. De maneira que quando programamos a visita ao Rio Grande do Sul estava também programada a conversa com Ernani. E o interesse nosso, do ministro e meu, era, após a conversa com Ernani, na programação que nós estávamos fazendo para a campanha nacional de alfabetização, estabelecer um convênio. Porque a

orientação do nosso trabalho na época não era que o Ministério da Educação atuasse diretamente. A atuação do Ministério se daria preponderantemente através de convênios com Secretarias de Estado, com organismos privados, sindicatos, e oferecendo verba, material e também oferecendo possibilidade de capacitação técnica. Então, estava previsto naquela viagem, no encontro com Ernani o estabelecimento de um convênio entre o Ministério de Educação e o Instituto de Cultura Popular do Rio Grande do Sul. Eu correria o risco de dizer que o convênio foi firmado durante o próprio jantar. Mesmo que não tenha sido firmado, o certo é que seria.

E Ernani estava realmente contente, feliz, pela possibilidade que haveria de desenvolvimento de um trabalho bom e eficiente no Rio Grande do Sul, através desse Instituto. Esta, lamentavelmente, foi a única participação que eu tive naquele momento, porque logo em seguida veio o golpe de estado. Mas se não tivesse havido o golpe de estado eu não tenho dúvida nenhuma de que a minha presença no Rio Grande do Sul teria crescido também, porque eu teria participado, com Ernani e com as equipes que estariam trabalhando com Ernani, de programas, de capacitação de quadros, não apenas eu, mas uma equipe grande que a gente tinha em Brasília também.

Tomaz – *Então, tentando seguir uma certa cronologia em termos de teu contato com Fiori: Depois dos anos 60 a 64, com o golpe, vocês acabaram se encontrando, então, noutra situação, no Chile. Não sei quem que foi antes, mas acho que tu poderias recordar um pouco disso, teu reencontro com ele no Chile, e a convivência no Chile, as experiências, enfim, o que vocês viveram juntos.*

Paulo – *É. Eu cheguei antes de Ernani. Eu passei primeiro pela cadeia. Isso eu acho que o Brasil todo que me leu já sabe. Eu passei primeiro pela cadeia, no Recife, e há um fato interessante também, que agora eu me lembro. Numa das minhas prisões eu era proibido de ler e escrever. Era assim um pouco, uma certa malvadeza, de estreiteza de um tenente ou de um capitão, não me lembro bem, ou de um coronel, não importa, de gente, que pensava que intelectual ou tem papel pra escrever e livro pra ler, ou morre, se suicida, o que é um equívoco. Aliás tem muito intelectual que não lê. (Risos). Era um equívoco, eu podia também, precisamente porque eu era e sou um corpo consciente, eu era capaz de inventar maneiras de sobreviver, não dispo de um tempinho pra ler, ou de um livrinho pra ler ou de um jornal pra ler ou escrever, eu teria de inventar e inventei. Não cabe aqui falar das invenções que eu fiz, porque a conversa aqui é sobre outra coisa. Mas, nessa época eu fumava muito e felizmente o oficial deixou que a Elza entregasse na portaria um pacote. Eu fumava um cigarro chamado Minister, que eu não sei se tem ainda hoje. Ele veio em pacote, 10 maços dentro de um pacote. Eu abri cuidadosamente o pacote, o pa-*

pel que enrolava os 10 machinhos. E de repente fiquei guloso, diante de um pedaço de papel em branco, porque era uma coisa extraordinária. Eu estava sozinho metido num quartinho.

Eu trouxe isto à baila porque agora vocês vão saber a quem era que eu escrevi uma carta que nunca pode ser mandada: a Fiori. Eu falei disso a ele no Chile. Possivelmente algum leitor mais incrédulo e mais condicionado pela capacidade enorme de se mentir sobretudo a nível político nesse país, poderia dizer: Paulo agora está inventando coisas por que Fiori já morreu e não pode dizer que nunca soube disso. Mas na verdade eu fiz isto, eu escrevi uma longa carta a Ernani. Engraçado, eu sabia que a carta não sairia, porque não saía mesmo. Mas eu pus lá em cima: caro Fiori. E escrevi. E agora imaginem vocês, eu escrevi uma carta sobre a solidão, que eu jamais depois disso fui capaz de recompor. Jamais. Quer dizer, eu a escrevi vivendo-a, eu a escrevi vivendo a solidão. Mas eu me lembro, eu me lembro de que em certo momento eu fazia uma referência à maneira diferente de se viver, ou melhor, à maneira que você pode ter de transformar o estar só num estar com. E por isso então a solidão deixa de ser asfixiante, porque ela passa a se amenizar na certeza que tu tens de que não estás só. Possivelmente alguém poderia dizer agora: imagine só, aí era já a carta de um idealista, de um idealista hegeliano a outro idealista hegeliano. Não, há maneiras de você, mesmo reconhecendo-se fisicamente só, descobrir que está em companhia de outro. E eu analisava isto longamente na carta. Obviamente depois que escrevi, e que em certo sentido satisfiz uma necessidade, quase física também, de pegar pena, caneta, eu não tive outro caminho senão rasgar. Então eu rasguei, mesmo porque eu fazia uns comentários nesta análise da solidão que me comprometeriam e eu não tinha porque bancar o herói. Então eu rasguei tudo e pus fora.

Me antecipei, portanto, no exílio, na chegada ao Chile, a Ernani. Foi o José Luis, um dos filhos do Ernani que falou comigo depois prá me dizer, primeiro ele falou com Elza, depois ele falou comigo, prá me dizer da intolerável notícia. Mas você vê agora, eu já começo a ficar assim emocionado. Eu até me perdi um pouco no que eu dizia. Sobre a minha chegada antecipada a Santiago: primeiro chegou o Zé Luis, ficou uns dias conosco, morando conosco, mas o apartamento da gente era enormemente pequeno. E o Zé Luiz então foi prá casa, se não me engano, do Plínio Sampaio, que é outro grande amigo do Fiori, também outro homem extraordinário. Em certo sentido até parece com o Fiori, no ponto de vista da pureza, também da seriedade. E em seguida chegaram Ernani, Hilda e os outros filhos. Aí então, puxa, até que às vezes eu agradecia ao Marechal Castelo Branco, a possibilidade, é claro que eu estou fazendo uma brincadeira, porque o povo brasileiro não podia estar sendo sacrificado prá que eu tivesse o gosto de estar ao lado de

Ernani. Mas realmente a coisa mudou, entende, com a chegada de Ernani. A coisa cresceu.

Tomaz – *Isto já fazia quanto tempo que tu estavas no Chile?*

Paulo – Olha, eu tenho a impressão que fazia, eu acho que Ernani chegou, isso é outra coisa que você pode até depois confirmar, mas eu acho que Ernani chegou... eu cheguei em novembro de 64, eu tenho a impressão que Ernani chegou em 65, por aí, fins de 65. E, você veja, em primeiro lugar, Ernani ao chegar ao Chile ele se afirma como gente e como intelectual em face da colônia brasileira de exilados. Quando eu digo a vocês: ele se afirma, não é que ele tenha decretado a sua afirmação. É que a sua afirmação se fez na prática de sua relação com os demais exilados, na prática de sua seriedade diante do mundo, diante da vida, diante dos outros, diante dos homens, diante das mulheres. Quer dizer, ele se afirmava como intelectual sério, porque na verdade era um homem competente, era um homem extraordinariamente competente. Se afirmou como intelectual também pela sua humildade diante de seu próprio saber. E se afirmou como gente, pela sua capacidade de ser amigo, pela sua lealdade.

Vocês vejam que não é fácil a um estrangeiro no exílio, em qualquer sociedade, em pouco tempo alcançar a posição de poder que Ernani alcançou como vice-reitor da Universidade Católica do Chile. Quer dizer, nenhum de nós alcançou jamais coisa até parecida. O máximo que eu alcancei foi dar aula uma vez ou outra, numa faculdade da universidade. Mas Ernani foi mais adiante. Quer dizer, Ernani não apenas se tornou o vice-reitor da universidade, mas elaborou o projeto de reforma universitária.

Ernani era um homem que tinha uma consciência muito clara, prá mim, da autoridade necessária e da liberdade indispensável. Ele jamais, Ernani jamais seria um autoritário. Talvez até que nas suas relações com a filha e os filhos, quando eles meninos e ela menina, talvez até que ele às vezes terminasse por amaciar um pouco a sua autoridade através de certas manhas afetivas. É possível até que ele tivesse feito isto, o que pedagogicamente não seria lá muito bom. Mas seria autêntico também nele, entende? Eu me lembro por exemplo, faço um parêntese, a propósito destas coisas da relação dele com os meninos, eu me lembro que num dia ele contou rindo, numa forma que ele tinha assim muito pessoal de rir de si mesmo, e de humor, ele era capaz de rir dele, e ele me contou que na casa dele havia um sótão, e havia lá o que deveria ser uma janela, mas era apenas um oco, um vazio, um buraco. Ele vivia preocupado que um dos meninos dele, um dia, se atirasse lá de cima. E ele me disse: Paulo, entre a possibilidade de um filho se atirar lá de cima, se ferir ou morrer eu preferi prá evitar... sim, entre esta possibilidade e a de um comportamento pedagógico muito correto de chamar

o filho, chamar a atenção para o perigo, dizer que inclusive é através da experiência, da prática que a gente se constitui, eu preferi não me neurotiziar, e assim plantei um pedaço de tábua em cima do buraco, e fechei. (Risos). Eu achei isso uma maravilha. E disse: mais valeu esta tábua do que hoje estar falando aqui com saudade de um filho que tivesse morrido.

Bem, mas voltando ao principal: o Ernani era um homem democrático. Eu me lembro das vezes quando ele conversou com alguns de nós, com muitos de nós, brasileiros, sobre pormenores do projeto de universidade que ele trazia, que ele propunha. Me lembro também, por exemplo, de com que humildade ele ouvia a nossa opinião, sobretudo a opinião de Plínio, por exemplo a opinião de Paulo de Tarso, com relação à dimensão política da sua ação, ou da sua interferência na universidade. Quer dizer, ele aceitava, compreendendo que a prática político-partidária de Plínio Sampaio e de Paulo que ele não tivera, teria dado a Paulo e a Plínio a possibilidade de desenvolver em Paulo e Plínio a capacidade de que eu falei antes, da adivinhação, da sensibilidade do ato político. Então eu me lembro de algumas reuniões noturnas na casa dele, ou na casa de Paulo e de Plínio, em que se discutia o risco de caráter político, de sendo ele um estrangeiro, poder provocar lamentáveis mas justificáveis ciúmes, em algum tipo de professor mais ufanista, chileno. E eu ficava a me lembrar do caso brasileiro, quantos brasileiros iriam aceitar um vice-reitor chileno, e nisso eu aplaudia a cultura chilena, eu elogiava essa seriedade e essa abertura à contribuição de um grande intelectual mas que não era nacional.

Aliás o Chile, outro pormenor, o Chile tem tido experiências assim muito interessantes, antes dessa vaga de brasileiros de 64, houve outras, argentinas, por exemplo, que marcaram muito o desenvolvimento da cultura no Chile, na Universidade. Quer dizer, o Chile se abre, se abria, e acho que tende a abrir-se mais adiante quando essa figura, eu não sei bem como eu me refira a estas estrelas generalícias lá do Chile desaparecerem, eu acho que volta de novo o Chile a se experimentar aberto. Pois bem, mas isto é para salientar a vocês como o Ernani não era apenas um intelectual respeitado e uma figura de gente amada por nós, os brasileiros, mas era também, uma figura querida, séria, no Chile. E eu não tenho dúvida nenhuma de que poderá mais adiante pesquisar a presença de Ernani, e eu não teria nenhum medo de dizer que a pesquisa de amanhã sobre a passagem desses intelectuais brasileiros por Santiago irá revelar sem sombra de dúvidas uma afirmação de Ernani bem maior do que a de qualquer um de nós, os outros que estavam lá com ele.

Tomaz – Poderias falar um pouquinho sobre o teu reencontro com Ernani, agora no Brasil? Vou usar como estímulo uma afirmação do Luiz Alberto Gomes de Souza, que escreveu um artigo na revista *Síntese* (nº 34, de maio de 1985) sobre Ernani, depois da morte

dele, dizendo que num encontro dele com Fiori, o Fiori dizia que estava questionando todo o pensamento dele até então, mas que o Luiz Alberto não tinha tido ocasião de desenvolver isto com ele, e afinal não soube qual a substância dessa transformação. Então eu pediria que tu te referisses um pouco a esse reencontro e se tu tiveste algum vislumbre desse questionamento que o Luiz Alberto Gomes relata.

Paulo – Não, não tive. Eu me encontrei depois que voltei ao Brasil, eu me encontrei possivelmente 4 vezes com Ernani. Duas em São Paulo e duas em Porto Alegre. Me lembro que a última vez em que estive com ele foi em sua casa em Porto Alegre. Eu pernoitei em Porto Alegre na casa dele, e o pessoal que me convidou, que eu não me lembro mais, tinha um hotel e eu disse que não, que eu preferia ir para a casa de Ernani, e ficamos juntos, conversando até mais ou menos 2 horas da manhã. Me lembro que nessa conversa, que depois que eu voltei da Europa foi a mais teórica, nessa conversa, eu me lembro de que nos entregamos muito a uma reflexão em torno do papel dos movimentos sociais. Não apenas no Brasil, mas também fora do Brasil, historicamente. Eu me lembro que ele disse: “Paulo eu estou concordando inteiramente com algumas dessas tuas reflexões”, quando eu dizia por exemplo, e eu tenho escrito sobre isto, que os partidos populares e não populistas se aproximam dos movimentos populares, para aprender com eles, ou para aprendendo com eles, ensinar também a eles.

Eu sentia quando conversava com ele sobre isto, eu sentia uma enorme, não só preocupação, mas é como se estivesse chovendo no molhado. E ele era um homem que se preocupava enormemente com filosofia política. Agora, não tivemos tempo de fazer esse balanço a que se referiu o Luiz Alberto. Na penúltima vez a conversa foi apenas pessoal, quando ele nos visitou em São Paulo e nos comunicou a Elza e a mim do começo da sua enfermidade. E, eu me lembro de que quando ele me falou nisso, inclusive da benignidade da enfermidade, eu me lembro que senti a minha primeira dor. Imediatamente eu adivinhei a morte de Ernani, obviamente que ele estava bem, eu não iria dizer isto a ele, não. Eu não quero que ninguém me diga da sua dor pensando que eu vou morrer amanhã, guarde a dor mas não me diga, e eu também não digo isto. Mas eu tive assim algo, um pressentimento de que eu estaria me encontrando pela última vez com ele. E depois disso, eu não tive mais chance de vê-lo e veio o momento de grande piora dele, e não dava nem mesmo prá ir lá.

Tomaz – Bom, eu tenho algumas perguntas aqui que foram elaboradas por um colega meu, o Balduino Andreola. A primeira pergunta dele: “o filósofo Alejandro Serrano Caldera, embaixador da Nicarágua junto ao governo francês e junto à UNESCO, após um seminário sobre filosofia latino-americana na Universidade Católica de Louvain-la-Neuve,

Bélgica, me disse ser o professor Ernani Fiori uma das pessoas que mais ajudaram a eles, os líderes da Nicarágua. Isto aconteceu no Panamá. Tu que conviveste em muitos momentos com o Prof. Fiori, aqui, mas sobretudo no exterior, como vês a influência exercida por ele lá fora, e a possibilidade de recuperação para nós, brasileiros, desta dramática e multiforme experiência internacional dele?"

Paulo – Eu não tenho dúvida nenhuma. Esta afirmação do embaixador nicaraguense, a mim não me surpreende. Ernani exerceu uma salutar influência, inclusive em grupos revolucionários. Eu digo revolucionários, não revolucionaristas. Eu distingo um de outro. Tem muito revolucionarista para quem Ernani não teria importância nenhuma. Mas prá revolucionar de verdade, ou “de mesmo”, como diziam meus filhos quando eram pequenos, o Ernani tinha sentido. Eu mesmo ouvi, nas minhas visitas a Nicarágua, referências de jovens e militantes revolucionários que me falavam da importância de Ernani, de algumas das suas leituras, na vida deles. Inclusive na sua opção política.

A mesma coisa por exemplo, que eu ouvi, e nisso Ernani teria que ver também, mesmo que não de forma explícita, as mesmas referências que eu ouvi de muitos jovens revolucionários com relação à teologia da libertação. Eu ouvi de muitos jovens nicaraguenses de como a teologia da libertação tinha aberto seus olhos para uma realidade dramática, trágica de seu povo, de seu país, sem que porém tivessem eles se tornado sectariamente revolucionários. Quer dizer, no fundo é como se eles dissessem que guardavam um pouco um horizonte mais radicalmente aberto, evitando posturas um pouco mais sectárias, mas agradecendo à teologia da libertação a contribuição que havia dado. E nisso também Ernani teria algo a ver. De maneira que essa afirmação do ministro me parece muito objetiva e eu tenho testemunho dela também.

Tomaz – *Tem outra pergunta do Balduino que diz o seguinte: “Ernani Fiori escreveu páginas de rara profundidade filosófica sobre a pedagogia do oprimido e sobre a conscientização na apresentação de teu segundo livro ‘Pedagogia do Oprimido’, e num trabalho intitulado ‘Educação e Conscientização’ que está sendo publicado neste número da nossa revista. Qual foi a contribuição de Ernani Fiori na formulação de tua proposta político-pedagógica?” Eu quero acrescentar a esta pergunta do Balduino um comentário de Luiz Alberto Gomes feito no número da revista Síntese que eu já mencionei, que diz o seguinte: “No Brasil começara o seu interesse (de Fiori) pela temática da conscientização. No Chile seu diálogo com Paulo Freire seria intenso, fraterno e permanente. Muitas foram as longuíssimas e apaixonadas discussões do gaúcho com o pernambucano, no embate da intuição fulgurante posta à prova pela lógica rigorosa”. Então eu gostaria que tu respondesses à pergunta do Balduino e também comentasses o que o Luiz Alberto escreveu.*

Paulo – Puxa, eu estou feliz! É pena que os leitores não me vejam arrepiados. Eu estou muito feliz, primeiro, com o casamento que está havendo aí entre a pergunta do Balduino e a análise fantástica, eu não conhecia este artigo, do Luiz Alberto. Eu conheço muito o Luiz Alberto. Luiz Alberto é prá mim também um desses raros intelectuais desse país. Eu estou sendo muito injusto com o nosso país. Não, um desses intelectuais brasileiros a quem a gente tem que respeitar, e admirar mesmo quando se possa discordar dele. Mas eu acho que ele apanhou de maneira muito bem estruturada alguma coisa que eu disse antes, aqui na nossa conversa quando eu falava do papel da intuição, não? Mas eu dizia que a intuição é válida no momento em que você a submete ao crivo da rigorosidade. E agora o Luiz Alberto vem e diz isso, ele sintetiza, sumaria os encontros do pernambucano com o gaúcho, exatamente sabendo o quanto de intuição eu trazia para esses encontros e o quanto de rigorosidade científica, filosófica, trazia o gaúcho para esses encontros.

Eu não sei se agora, tão contente com essa análise do Luiz Alberto, se eu corro o risco de perder a humildade, prá dizer que eu devo ter ensinado também a meu mestre, o Fiori, a necessidade de deixar voar a intuição. Essa capacidade de adivinhar. Mas aí é exatamente que eu situaria uma das grandes contribuições dele, do Fiori, do Vieira Pinto, do Alvaro Faria. Uma das grandes contribuições do Fiori a meu pensamento foi a elaboração, a estruturação. Conversando com Fiori era como se eu estivesse em certo momento tomando o meu próprio pensamento como objeto da minha indagação. E isso Fiori fez muito comigo. Por isso que eu te disse que eu não gosto desse negócio de mestre e de discípulo. Mas se eu tivesse de apontar um mestre, um deles no Brasil, eu diria que foi o Fiori. Olha, eu não teria nada mais a te dizer, eu felicito, de um lado, essa síntese tão bacana de quem participou disso também, porque se o Luiz Alberto não tivesse convidado também em alguns desses seminários, como eu te falei antes, dos sábados de tarde, lá em casa, ele às vezes estava também, ele não poderia ter dito de maneira tão brilhante e tão objetiva, algo que nós vivemos há mais de 20 anos atrás. Mas está muito bem dito. E como eu fico muito feliz com a demonstração de capacidade de inteligência e de brilho dos outros... eu aprendi desde a meninice que não tem porque ter raiva das pessoas competentes, e de esconder isto.

Eu outro dia dizia a um filho meu, conversando com ele, quando ele chegou da Europa: meu filho, quando eu era bem jovem, eu nunca pensei em atacar injustamente o professor Anísio Teixeira prá começar a ser conhecido. Quer dizer, pelo contrário, eu aprendi desde moço o valor disso, eu sou um pouco, talvez muito, tardiamente socrático, entendeu, acho que isso não vale não? Bom, eu terminaria isso dizendo essa coisa: felicito essa análise tão bacana do Luiz Alberto e a pergunta muito inteligente do Balduino.

Tomaz – *Bom, então eu acho que concluiria pedindo ao Paulo que fizesse uma declaração de fechamento sobre toda essa recordação da sua convivência com o Fiori, e do interrelacionamento do seu pensamento com o de Fiori.*

Paulo – Olha, com relação ao que significou Fiori e ao que significa Fiori pra mim, enquanto pensador inquieto, pensador sério, honesto, eu acho que eu já não teria mais o que dizer. Mas eu terminaria dizendo que

depois da morte de Fiori, nas minhas passagens pelo Rio Grande do Sul, numa ou noutra cidade onde falei, e em todas as oportunidades eu fiz questão de falar dele, de dizer da minha saudade, do meu respeito, da minha admiração. E gostaria de dizer que em todos os lugares eu percebi um querer bem enorme do povo do Rio Grande do Sul a ele. Nesse sentido eu felicito a revista por prestar essa devida homenagem a um, para mim, dos melhores intelectuais desse país.